

EDITORIAL

Neste número de *Política & Trabalho* temos como foco as ruralidades. Mas o que se pode falar do rural numa época tão urbano-digitalizada como a atual? Desde há muito tempo que a relação entre o rural e o urbano vem sofrendo transformações. Com o desenvolvimento da sociedade moderna e o avanço da industrialização e da urbanização, o campo foi colocado em posição secundária e subalterna pelos atores políticos, no campo científico e no imaginário social. Contudo, a vida rural persiste, reproduz-se e reinventa-se permanentemente. Os estudos dedicados a tal temática, onde se destaca a Sociologia, a Antropologia, a Economia, e outras disciplinas, assim como as vertentes interdisciplinares, continuam disputando um lugar de destaque nas Ciências Sociais e nas áreas afins. Formas de produzir, modos de se relacionar com a terra, padrões de sociabilidade, envolvendo relações de trabalho, de gênero, entre gerações, interétnicas, de poder e de viver, reafirmam-se como temas de relevância também para as novas gerações de cientistas sociais. No Brasil, assim como nos demais países da América Latina, a retomada, nas últimas décadas, de políticas de desenvolvimento, reeditando um novo protagonismo do Estado nos incentivos aos investimentos e na regulação da distribuição da renda gerada, de um lado, e a virada mais recente na direção da reafirmação do foco no “mercado”, de outro, são fatores de importantes transformações nesses países, com fortes implicações no rural. Este dossiê é a prova viva da pujança da temática em pauta. Nunca se recebeu tanta colaboração para um número como neste caso. Uma demanda reprimida que, oportunamente, a revista *Política & Trabalho* quis acolher. O dossiê temático *Reordenamento Agrário e Reprodução social*, organizado por Patrícia Ramiro, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB\Brasil) e Alzira Salette Menegat, da Universidade Federal da Grande Dourado (UFGD\Brasil), busca contribuir com esse debate. Reúne 12 artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros versando sobre aspectos diversos das transformações pelas quais vem passando o espaço rural, nas suas dinâmicas internas e na sua relação com o urbano.

O presente número é composto, ainda, por seis artigos de autores de diversas filiações institucionais, que versam sobre temas variados. Esta sessão é aberta com o artigo do antropólogo Afrânio Garcia Jr., “Ares do mundo’ e meditações sobre centros de decisões nacionais: o valor heurístico da “obra autobiográfica de Celso Furtado”, analisando a publicação *Obra autobiográfica de Celso Furtado*, visando melhor compreender seu itinerário social e intelectual, assim como melhor avaliar sua contribuição à “formação da economia brasileira” e à diversificação do campo do poder no Brasil. O material estudado são os escritos que foram editados como

testemunhos autobiográficos contrapostos aos seus próprios livros enquanto economista.

O artigo “Tempo de Urgência e Estratégias Preventivas de Saúde dos Trabalhadores”, de Leo Vinicius Maia Liberato, aborda as estratégias comunicativas de prevenção à saúde adotadas por trabalhadores que se utilizam de uma racionalidade econômica da prevenção, apontando sua condição geral de ineficácia em um contexto em que o regime de urgência da atividade de trabalho impede a projeção temporal da saúde dos trabalhadores.

Em “Os Relatórios do Desenvolvimento Humano das Nações Unidas e as condições atuais de ambivalências”, Maria José de Rezende argumenta que tais relatórios, de periodicidade anual, possuem um caráter ambivalente, ao difundir propostas em favor da ampliação de políticas de combate à pobreza extrema, ao mesmo tempo em que constata a permanência de impedimentos de mudança nas áreas de renda, de saúde, de educação e de moradia.

Na sequência, Vanda Maria Leite Pantoja, Jesus Marmanillo Pereira, em “Grandes Projetos e Populações Tradicionais na Amazônia: a Suzano Papel e Celulose no Maranhão”, discutem os efeitos sócio-espaciais de grandes projetos de desenvolvimento na Amazônia, detendo-se no caso da implantação da empresa Suzano Papel e Celulose (SPC) e suas implicações sobre o modo de vida das comunidades da Estrada do Arroz, na cidade de Imperatriz, localizada no sudoeste maranhense.

Com “Relações Laborais no Capitalismo Informacionalista”, Elizardo Scarpati Costa trata, em perspectiva conceitual e contextual, das transformações das relações laborais trazidas com a implementação das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) no contexto do capitalismo da “Era da Informação”, na acepção de Manuel Castells, que tem apontado para uma crescente heterogeneização, fragmentação e complexificação das relações laborais.

Por fim, o artigo de Gustavo Belísário, intitulado “Entre representantes e fofoqueiros”, aborda as atividades da representante de turma do 6º ano de uma escola de Ensino Fundamental na Cidade Estrutural (DF), composta por crianças de 11 a 14 anos. O foco recaiu sobre os processos de classificação da representante eleita, pelos colegas de turma, como “fofoqueira”.

Boa leitura!

Giovanni Boaes e Roberto Vêras de Oliveira Editores